

FUTEBOL, CULTURA VISUAL E IMAGEM DOS JOGADORES DE FUTEBOL NA IMPRENSA SOTEROPOLITANA (1921–1924) SOCCER, VISUAL CULTURE, AND THE IMAGE OF SOCCER PLAYERS IN THE SALVADOR PRESS (1921–1924)

Italo Matheus Silva Oliveira

Universidade Federal da Bahia

ORCID: 0009-0002-5490-1691

Ricardo dos Santos Batista

Universidade Federal da Bahia/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

ORCID: 0000-0002-7959-5929

DOI: 10.9771/contemporanea.v24i1.71909

RESUMO:

Este artigo analisa como os jogadores de futebol integraram uma Cultura Visual vinculada ao surgimento das revistas ilustradas em Salvador, no início da década de 1920. Foram utilizadas como fontes as imagens de duas revistas que circularam na cidade entre 1921 e 1924, *Artes & Artistas* e *Semana Sportiva*. As fontes foram analisadas a partir das concepções de Ulpiano Meneses e Ana Maria Mauad. Compreende-se que, naquele período, em que o futebol se popularizava foram produzidas imagens de jogadores em suas práticas esportivas, em festividades e espaços públicos da cidade e, até, em campanhas publicitárias que circulavam na imprensa soteropolitana.

PALAVRAS-CHAVE: imagens, jogadores, futebol, cultura visual.

ABSTRACT:

This article analyzes how soccer players became part of a visual culture linked to the emergence of illustrated magazines in Salvador in the early 1920s. Images from two magazines that circulated in the city between 1921 and 1924, *Artes & Artistas* and *Semana Sportiva*, were used as sources. The sources were analyzed based on the concepts of

Ulpiano Meneses and Ana Maria Mauad. It is understood that, during this period, as soccer was becoming popular, images of players in their sporting activities, in festivities and public spaces of the city, and even in advertising campaigns circulating in the Salvador press were produced.

KEYWORDS: images, players, soccer, visual culture.

INTRODUÇÃO

Em 9 de abril de 1921, a primeira edição da revista *Semana Sportiva* foi lançada em Salvador, com destaque para a frase “**Vimos do esporte e só para ele viveremos**” na sua apresentação. Tratava-se de uma revista ilustrada que surgiu com o objetivo de noticiar, semanalmente, os acontecimentos do cenário esportivo de Salvador. Ela funcionou entre 1921 e 1924, atendendo a uma agenda em falta na Bahia (Santos, 2013). Até a década de 1920, as comunicações sobre o futebol eram, em sua maioria, inseridas em notícias referentes a outros assuntos.

Também nos primeiros anos da década de 1920, foi criada, em Salvador, uma Cultura Visual forjada em revistas ilustradas, como a *Artes & Artistas*, responsável por noticiar as investidas artístico-culturais urbanas, e a revista *Renascença*, que também informou sobre o cenário artístico, intelectual e cultural da cidade. De forma geral, eram publicadas notas, poesias, entrevistas, fotografias e fotogravuras que estampavam as páginas desses periódicos sobre diversos aspectos políticos, artístico-culturais e esportivos (Santos, 2024). No universo do futebol dessa imprensa, podia-se identificar como principais atores sociais retratados nas imagens: os jogadores, os torcedores e espectadores que frequentavam as partidas.

Antes de 1920, já existiam imagens sobre futebol nos jornais e revistas de Salvador. Contudo, foi somente na terceira década do século XX que presenciamos um aumento dessas fotogravuras, simultâneo a uma popularização do futebol¹. De acordo com o cronista do futebol baiano, Aroldo Maia, em sua obra *Almanaque esportivo* (1944), a primeira prática de futebol na Bahia ocorreu no Campo da Pólvora, em 28 de outubro de 1901, organizada por Zuza Ferreira, um jovem das elites soteropolitanas que foi para a Inglaterra estudar e voltou com a novidade que era popular no exterior².

Corroborando o historiador Henrique Sena dos Santos, mesmo que as primeiras práticas tenham sido protagonizadas por jovens das elites soteropolitanas, as pessoas pobres consumiam e contribuíam para o desenvolvimento do futebol desde os seus primórdios. Nos arredores do Campo da Pólvora funcionavam diversos estabelecimentos, como os comércios de rua, as habitações e o trânsito de populares das camadas trabalhadoras e negras. Isso popularizou a prática do futebol entre as classes populares em anos posteriores.

Acreditamos que, devido a esse processo, as revistas ilustradas começaram a se preocupar em divulgar o cenário do futebol. Um dos personagens principais dessa prática foram os jogadores, às vezes chamados de “players”³ na imprensa. Eles se tornaram sujeitos “visíveis” devido à prática esportiva e à aparição nos principais meios de comunicação da época. O objetivo deste artigo é investigar de que forma os jogadores de futebol estavam inseridos em uma Cultura Visual em Salvador, observada no início da década de 1920.

O conceito de Cultura Visual foi a lente que nos ajudou a analisar os significados e códigos das imagens dos jogadores de futebol, representados de diferentes formas, em espaços variados da sociedade. Partimos dos esforços de Ulpiano Meneses (2003), que entendeu as fotografias como produtos de um contexto histórico, portadores de sinais intrínsecos à sua época, cuja análise explicita nuances da sociedade em que foram forjados.

Defendemos que a circulação das imagens dos jogadores de futebol contribuiu para a popularização do esporte, assim como para que as revistas fossem mais acessadas. Desta forma, as reflexões de Meneses foram cruciais para refletirmos sobre a produção das fotografias, dentro e fora dos campos de futebol, a edição e a seleção de imagens destacadas por editores.

Também nos apoiamos na metodologia desenvolvida por Ana Maria Mauad (2005), com a priorização de duas dimensões para analisar as imagens das revistas ilustradas: a de nível interno e a de nível externo. A primeira foi importante para entender o enquadramento, as posições de cada elemento, as poses e quem estava em destaque nas imagens. Já a segunda nos apoiou na leitura contextual da produção da imagem, da sua circulação e recepção e da relação entre imagem e outros textos associados. Foram analisadas dez imagens publicadas em duas revistas ilustradas entre os anos de 1921 e 1924: *Artes & Artistas* e *Semana Sportiva*.

DE OLHO NO LANCE: A IMAGEM OS JOGADORES NA PRÁTICA DO FUTEBOL

A revista *Artes & Artistas* foi criada em 1920, pelo conhecido tipógrafo e jornalista Arthur Arezio Fonseca⁴, e circulou entre 1921 e 1924 com o objetivo de promover uma agenda artística e cultural em Salvador. *A priori*, o teatro, a poesia e o cinema estavam em primeiro plano - destacados como seus assuntos principais⁵. Foram divulgadas imagens sobre os artistas brasileiros e europeus, quase todos eles com características caucasianas. Logo depois, em 1923, os “Sports” se tornaram um dos principais assuntos que este semanário divulgava.

Em 7 de novembro deste mesmo ano, a revista publicou uma fotogravura que tinha a presença de dez “players” na prática do futebol. A autoria é desconhecida e os jogadores não foram nominados. Ela recebeu o título de **Phase do jogo Cariocas x Bahianos**. Entende-se, assim, que era um jogo de futebol entre os selecionados⁶ do Rio de Janeiro contra os da Bahia. Isso demonstra uma articulação entre os clubes, organizações e ligas esportivas dos estados do Brasil já nesse período.

Figura 1: Partida entre os Cariocas e Baianos.



Fonte: *Artes & Artistas*, 1923, n. 148.

A imagem veio acompanhada da transcrição de uma entrevista concedida pelo jogador conhecido como Pileco, “reserva do scratch bahiano”, que no dia seguinte à partida foi encontrado em um bonde elétrico⁷, principal meio de transporte urbano utilizado naquele contexto. O “player” destacou os lances do jogo protagonizados pelos seus colegas e adversários, responsabilizou o árbitro da partida pela derrota dos baianos e falou, também, sobre a atuação da torcida, pontuando que a maioria do estádio estava

a favor dos “bahianos”, mas que alguns trataram os jogadores muito mal. O destaque dado à opinião de Pileco indica que, cada vez mais, a voz e a imagem dos jogadores ganhavam relevância na sociedade soteropolitana.

No segundo plano da imagem vemos a arquibancada e a torcida, que, em conjunto com os jogadores, configuraram três elementos importantes para o desenvolvimento da história do futebol. Os atletas estão em primeiro plano nessa imagem, mostrando o movimento durante o jogo. Como a fotogravura está em preto e branco, é uma tarefa difícil identificar a quais grupos étnico-raciais os jogadores pertenciam. Mesmo assim, evidências indicam a participação de, pelo menos, um homem negro.

De acordo com Lucas Café (2013), com a “profissionalização”, a presença de jogadores negros nos clubes e selecionados já era uma realidade. Ele explica que “No profissionalismo, o player defendia as cores do clube que lhe oferecesse alguma vantagem”, ou seja, parte dos clubes angariava jogadores pela sua performance, possivelmente devido à competitividade criada pela popularização do esporte. Homens negros começaram a integrar os times mais populares da cidade⁸, como por exemplo o jogador Popó, e se vincularam à Cultura Visual a partir da circulação das imagens.

A entrevista de Pileco confirma a presença de Apolinário Santana, apelidado como Popó, naquele jogo. Ele era apontado como um dos principais jogadores da partida pelo “Selecionado Bahiano”, junto a Manteiga e Mica. Popó, inclusive, ganhou o título de “craque do povo”, em função do destaque alcançado⁹.

Mesmo havendo um número considerável de imagens nas revistas ilustradas, esse tipo de registro - em movimento - não era muito comum nesse período. Relacionamos isso ao fato de que:

[...] recorrer aos fotógrafos para registrar uma partida ou regata inteira poderia ser dispendioso, de modo que imagens instantâneas em movimento, que exigiam um melhor equipamento ou até mais tempo do profissional para acompanhar toda a contenda, deveria custar um valor que, provavelmente, os editores da revista não teriam condições de cobrir (Santos, 2024, p. 118).

Em consonância com o autor, compreendemos que o ato de fotografar, em Salvador, estava restrito às elites econômicas. Em 19 de fevereiro de 1922, por exemplo, a revista *Artes & Artistas* anunciou uma câmera Brownie que custava 72.000 réis na “Loja Casa ao Mundo Elegante”. A notícia evidencia que os equipamentos fotográficos não eram acessíveis para as classes populares, muito menos as câmeras que registravam em

movimento, como no caso da fotografia analisada. Isso justifica as poucas imagens em movimento encontradas na coleta das fontes.

Nesse mesmo período, conseguimos localizar outras duas imagens (Figuras 2 e 3), com algumas semelhanças, publicadas na revista *Semana Sportiva*, um semanário que nasceu em 1921, com o objetivo de noticiar o cenário esportivo da cidade. Não somente do futebol, mas de outros esportes, como a regata, a corrida de rua e a natação.

Figura 2: Partida no campo do Rio Vermelho.



Fonte: *Semana Sportiva*, 1921, n. 3.

Figura 3: Partida no campo da Pólvora.



Fonte: *Semana Sportiva*, 1921, n. 3.

O Campo da Graça era o principal espaço de atuação dos jogadores de futebol, porque era o “parque esportivo mais moderno e popular da Bahia”. Mas as Figuras 2 e 3 foram capturadas em outros dois lugares da prática futebolística soteropolitana, respectivamente no “Ground Rio Vermelho” e no “Campo da Pólvora”⁹, sendo publicadas na edição 3, de 24 de abril de 1921, da revista *Semana Sportiva*.

Na primeira fotografia, assinada por Fonseca & Filho, vemos os atletas em disputa. A assinatura vinculava a imagem à tipografia liderada por Arthur Arezio Fonseca, um dos responsáveis pela edição de *Artes & Artistas* no tempo em que existiu. O registro foi um dos poucos encontrados, já que em outros instantâneos não foram identificadas as assinaturas dos editores, tipógrafos ou fotógrafos.

O Rio Vermelho era uma região afastada do centro da cidade, com poucas moradias e usada como região de veraneio - pela sua beleza, praia e árvores, como podemos ver na imagem no Ground do Rio Vermelho. Era uma região de difícil acesso, distante do centro e sem ligação por bondes elétricos (Santos, 2012). Sendo assim, compreendemos que, para as imagens chegarem até as revistas e jornais, além do preparo técnico, demandava-se a difícil locomoção dos fotógrafos até os espaços de jogo para o registro das partidas.

É importante frisar o papel dos fotógrafos na produção das imagens, responsáveis pelas escolhas técnicas e pelos enquadramentos. Contudo, também é fundamental destacar a atuação dos próprios jogadores de futebol, que não eram sujeitos passivos diante das câmeras. Em movimento corporal constante, eles negociavam e construíam modos específicos de aparecer nas fotografias. Suas posturas, gestos e deslocamentos influenciavam diretamente o resultado visual das capturas. Assim, as imagens resultavam de uma interação dinâmica entre o olhar do fotógrafo e a ação dos jogadores.

Na Figura 3 estavam presentes “players” do Botafogo e Ypiranga, no mais antigo palco do futebol em Salvador, o Campo da Pólvora. Em sua dissertação de mestrado, Henrique Sena encontrou o primeiro registro de uma partida de futebol, em 1901, naquele local. O campo era mais próximo do centro da cidade e, em contraste com o Rio Vermelho, contava com muitos transeuntes, trabalhadores, empresários, pessoas negras, brancas, mestiças, mulheres, homens, adultos e crianças. Destacamos que as editoras das revistas analisadas estavam localizadas nos seus arredores. Assim, os jogadores de futebol ficavam na mira dos fotógrafos e das editoras, em diversos locais da cidade onde se praticava o esporte.

Essas fotogra­vuras tinham um caráter pedagógico, alinhadas ao discurso sobre o corpo naquele período: “O final da Guerra foi simbolicamente celebrado como uma grande Olimpíada militar, envolvendo todos os efetivos dos exércitos vitoriosos” (Sevcenko, 1994). Nesse contexto, corroborando Sevcenko, observamos que os jogadores de futebol eram vistos como sujeitos saudáveis, com corpos fortalecidos e preparados - o ideal de corpo masculino. Por isso, cremos que essas imagens serviam como um convite aos leitores das revistas ilustradas para consumir e praticar o esporte na preparação dos corpos.

Na virada para o século XX, o cuidado com a saúde - incluindo a prática de exercícios físicos - integrou o discurso de médicos para constituir uma população que ajudasse o Brasil a se tornar uma grande nação. Políticas públicas com características eugênicas foram elaboradas na Bahia na década de 1920 e previam um possível “melhoramento da raça” (Batista, 2025). Em concordância com André Mota, acreditamos que o ideal de rejuvenescimento e a eugenia, no Brasil daquele momento, mostram como a medicina visava à reconstituição física, mental e moral da população. Essa busca por um “novo homem” geneticamente aprimorado, livre de “degenerações”, era fundamental para o projeto de uma nação forte e “superior”, regenerada.

A imagem dos jovens jogadores que começavam a ganhar destaque no futebol brasileiro funcionava como um paradigma visual desse ideal. Esses atletas, percebidos como símbolos de vigor físico e saúde, representavam o potencial e a vitalidade de um corpo social moderno. Desse modo, a juventude e a força do jogador de futebol não eram vistas apenas como um atributo esportivo, mas como uma representação comunicativa e social que encarnava o ideal de vitalidade e modernidade almejado para a sociedade brasileira.

Um tipo recorrente de imagem nos periódicos foram os instantâneos posados dos times ou selecionados do futebol nos campeonatos e partidas de Salvador. Consistia-se na pose de jogadores perfilados, uma parte em pé e outra agachada, com a posterior captura dos fotógrafos. Acreditamos que essa estratégia tenha sido adotada para que todos os jogadores fossem visualizados pelos consumidores dessa imprensa, ao mesmo tempo em que a imagem, de certa forma, eternizava os grupos, os “heróis” do futebol (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Equipe do "Bahiano de Tennis".



Fonte: Semana Sportiva, 1921, n. 19.

Figura 5: "Team" do America Foot-Ball Club.



Fonte: Semana Sportiva, 1921, n. 19.

Quando refletimos sobre a Cultura Visual¹⁰ criada em torno dos jogadores, os posados são importantes pela sua grande incidência. Na Figura 4, todos eles, sem os seus nomes descritos nas legendas, representavam o Clube Bahiano de Tênis, que enfrentou o time do São Bento. Essa fotogravura não tinha relação direta com os textos publicados na mesma página da revista, o que era recorrente nas edições da *Semana Sportiva*. Pode ter sido uma estratégia de comunicação da editora, pois, com o futebol em popularização, a imagem do esporte chamaria a atenção dos leitores para outros conteúdos da página.

Já na outra imagem, em que são representados os jogadores do America Foot-Ball Club, vemos a preocupação dos editores em apresentar aos leitores os nomes dos jogadores. O fato de o time ser carioca e visitar Salvador pode ter influenciado o registro. Quando ocorriam esses intercâmbios entre os estados brasileiros, era comum a imprensa soteropolitana realizar a cobertura com informações sobre hospedagem da equipe, recepção pelos agentes do futebol baiano e ocorrência das partidas¹¹.

Esse formato das poses era comum nas fotografias de jogadores em outras regiões do Brasil, o que leva à reflexão sobre uma articulação entre os jogadores, fotógrafos e editores das revistas. Consideramos que se criou uma rede, a partir do consumo de outras revistas ilustradas, pelos próprios editores, porque há uma semelhança nas publicações relacionadas ao futebol, nos instantâneos em movimento e nos posados, mas também nas matérias escritas.

Uma outra semelhança identificada é que os jogadores apareciam nessas imagens antes dos jogos, uniformizados com camisas de manga longa (ou curta), shorts, meias e a chuteira de couro. Os uniformes se tornaram um elemento de identidade no corpo desses personagens. Mesmo que não seja o nosso objetivo aprofundar a discussão sobre esse tema, na nossa leitura, as roupas remetem a um futebol profissionalizado (ou em processo de profissionalização), em contradição ao futebol amador ou jogado nos becos e vielas.

Em um momento de transformação na imprensa brasileira, a partir do incremento de novas técnicas e formas de produção dos meios de comunicação, as imagens foram utilizadas como artifício moderno das editoras. Tais inovações foram cruciais para que fossem produzidas, publicadas e circuladas pela sociedade sobre o cenário esportivo - principalmente do futebol -, em destaque, as imagens dos jogadores de futebol nas suas práticas, o que evidenciou esses sujeitos na sociedade soteropolitana.

“E AINDA MAIS SE ASSENTUA SUA POPULARIDADE POR NÃO SER SOMENTE NO MEIO ESPORTIVO”: OS “PLAYERS” PARA ALÉM DO CAMPO DE FUTEBOL

Grande parte das imagens presentes nas capas de revistas se referiam a eventos históricos ou a elementos socioculturais que, na época, estavam em evidência. Na revista *Artes & Artistas*, por exemplo, algumas edições tinham capas com menções a artistas do teatro, do cinema e da literatura. Na edição 39, publicada em 10 de julho de 1921, a personalidade escolhida foi o autor e produtor estadunidense Jack Perrin (1896-1967), um dos mais emblemáticos da época, que atuou em curtas e longas-metragens, iniciando sua carreira no cinema mudo, característico do início da história do cinema.

Já na edição 21 da revista *Semana Sportiva*, lançada em 4 de abril de 1921, os jogadores do Botafogo Sport Club, um dos clubes mais atuantes no futebol daquele período, apareceram na capa (Figura 6). Na década de 1920, em um espaço-tempo de dez anos no qual ocorreram dez campeonatos estaduais na Bahia, este clube foi campeão em quatro oportunidades. Ele e o Ypiranga foram os maiores vencedores estaduais do período. O time que estampou a capa do semanário na edição mencionada era, portanto, popular e o futebol também se popularizava em Salvador.

Figura 6: Capa da *Semana Sportiva*.



Fonte: *Semana Sportiva*, 1921, n. 19.

Até aqui vimos um conjunto de representações imagéticas dos jogadores de futebol em práticas esportivas inseridas numa Cultura Visual. Como observado, em alguns momentos, os jogadores não eram representados em ação. Na Figura 6, os doze jogadores do Botafogo foram estampados, com seus rostos em evidência, em instantâneos posados, resultantes de fotografias realizadas em estúdio.

De acordo com a historiadora Isis Freitas dos Santos (2014), desde finais do século XIX até os primeiros anos do século XX, surgiram estúdios de fotografia. A autora conta que, entre 1880 e 1920, dez estúdios estavam em funcionamento em Salvador, quase todos localizados próximo ao Centro da cidade: Rua da Piedade, Ladeira de São Bento, Rua Direta do Palácio, Praça do Theatro e Rua Direta do Colégio. Então, para a população mais abastada - que também circulava nas ruas mencionadas -, a fotografia em estúdios era uma prática possível¹².

Não temos informações precisas sobre premiações em quantias nos campeonatos estaduais ou nacionais do futebol, mas podemos inferir, a partir do processo de profissionalização - e de negociação e contratação, entre donos de clubes, dos “melhores materiais humanos” para o seu elenco, com o objetivo de vencer títulos estaduais em um futebol cada vez mais disputado - que o Botafogo tinha alguns prestígios sociais, como podemos observar em Henrique Sena dos Santos (2012, p. 196):

Em novembro de 1914, empolgado com a passagem do navio-escola Benjamin Constant, o Sargento Velloso, em conjunto com outros homens, fundou o Botafogo Foot-ball Club, que teria seu nome mudado para Botafogo Sport Club em dezembro daquele ano. Na década de 1920 este se tornaria em um dos principais clubes da cidade, conquistando alguns títulos e muitos sócios. Em 1923 contava com 435 associados. O Sargento Velloso também esteve à frente de outras associações menores. Para muitos sujeitos que desejavam formar um grêmio e não tinham condições mínimas ou desconheciam os meios burocráticos para certas formalizações, o Sargento Velloso atuava como organizador da vida institucional, oferecendo o seu prestígio e know hall para determinadas pessoas.

A partir dessa passagem, observamos quanto o Sargento Velloso era influente no meio do futebol, não somente no clube que fundou. Ele oferecia mentorias aos indivíduos que queriam formar clubes, mas não compreendiam as estratégias burocráticas desse processo. A existência de associados indica que a renda do clube pode ter sido oriunda dessa quantia, visto que, para ser filiado naquele momento, era necessário pagar um valor não acessível a parte da sociedade.

Em 1913, antes da fundação do Botafogo, Velloso foi eleito presidente da “Liga Brasileira de Sports Terrestres”. Sua influência diante dos atores das elites que atuavam nas editoras, junto à quantidade de associados ao clube, pode ter influenciado o destaque do Botafogo na capa da *Semana Sportiva*.

Creemos que as imagens dos jogadores nas capas eram utilizadas para atrair um público consumidor maior. Como já afirmado, defendemos que, como o esporte se tornou um vício na cidade, os jogadores dos clubes de expressão se tornaram atores sociais em evidência. Como afirmou Paulo Knauss (2006, p. 99):

Não se pode deixar de reconhecer o potencial de comunicação universal das imagens, mesmo que a criação e a produção delas possam ser caracterizadas como atividade especializada. A imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão.

Na edição número 5, de 8 de maio de 1921, a *Semana Sportiva* publicou os lugares da cidade em que se encontravam as suas edições. Eram eles: Elevador Lacerda, Plano Gonçalves, Estação Calçada, Livraria Freitas, Rua do Collegio n. 6 e Baixa dos Sapateiros n. 3. Locais que, segundo Gabriela Sampaio e Wlamyra Albuquerque (2021), estavam na lógica do “de que lado você samba”, ou seja, de circulação dos sujeitos de diferentes classes sociais. Ganhadeiras, aguadeiras, quituteiras e outros sujeitos das classes trabalhadoras habitavam esses locais, em casebres que, na sua maioria, funcionavam em péssimas condições. Mas existia também médicos, advogados e empresários que transitavam e habitavam nos grandes casarões daquela região. A partir disso, acreditamos que diferentes sujeitos, letrados ou não, pobres ou não, consumiam e conheciam o futebol e os jogadores, em contato com as imagens nas ruas e nas revistas.

Um exemplo que deixa evidente a popularidade dos jogadores e os usos da sua imagem fora do campo de futebol, nas revistas ilustradas desse período, é uma nota publicada pela *Semana Sportiva* representada na Figura 7:

Figura 7: Anísio Silva.

Fonte: *Semana Sportiva*, 1921, n. 1.

A fotogravura de um retrato produzido em estúdio, do jogador Anísio Silva, foi estampada na primeira edição da *Semana Sportiva*, em 9 de abril de 1921. Ele usava o uniforme do clube que defendia e mantinha um olhar sério. A seriedade dos jogadores era comum nos instantâneos posados e em movimento, o que acreditamos ser intencional para dar a ideia de formalidade aos sujeitos. Especialmente sendo Anísio um jogador visivelmente não branco. É preciso destacar que a população negra, no pós-abolição, foi alvo das tentativas da elite em definir os lugares sociais que poderia ocupar. Se durante a escravidão a condição de cativo era um importante marcador social, foi no jogo da República que a cor se institucionalizou como elemento de distinção. De acordo com Gabriela Sampaio, Ivana Stolzi Lima e Marcelo Balaban (2019), caso o racismo fosse apenas fruto da escravidão, com a abolição ele teria findado automaticamente: “negros e negras livres precisaram, no pós-abolição, lutar cotidianamente por direitos e cidadania, já que seu lugar social não era mais marcado pela escravidão, mas pela cor” (Sampaio; Lima; Balaban, 2019, p. 9).

A imagem de Anísio está em diálogo com o texto que menciona sua popularidade, pois “no centro da cidade do Salvador, não há quem não conheça o Anísio”. A nota destaca que, por mais que a popularidade tenha sido construída nos campos de futebol, essa aceitação reverberou para além deles, pois “ainda mais se assentua sua popularidade por não ser somente no meio esportivo”.

Assim, considerando sua popularidade, os editores aproveitaram para felicitar Anísio pelo seu aniversário. Sem destacar os nomes dos convidados para seus festejos de aniversário, a revista mencionou que os “inúmeros amigos e admiradores que Anísio tem sabido conquistar”. Este exemplo nos fez visualizar o quanto a imagem do jogador de futebol se transformou consideravelmente, no início da década de 1920, a partir da sua circulação como sujeito em evidência nas revistas.

Essa Cultura Visual, que se desenvolveu através das revistas ilustrativas, deu a possibilidade de que os empresários e sócios da fábrica de cigarros Leite & Alves entendessem a imprensa específica como um local potencial para publicar a campanha publicitária do produto “Cigarros Bom Dia”, no ano de 1922 (Olivera, 2024).

Figura 8: Campanha publicitária Leite & Alves.



Fonte: Artes & Artistas, 1922, n. 65.

Na campanha publicitária, os jogadores de futebol aparecem como protagonistas. Eles integravam o Sport Club Ypiranga, já mencionado como um dos mais vitoriosos da década de 1920. Esse time nasceu em 1904 e foi um dos pioneiros do futebol em Salvador,

começou como Sport Club 7 de Setembro, um clube de pouca expressão que, somente anos depois, após uma reorganização, adotou o nome Ypiranga. Na década de 1920, o Ypiranga despontava como time de expressão no cenário estadual de futebol.

A imagem mostra cinco atletas, todos eles homens e jovens representados por clichês posados em preto e branco, resultando de fotografia realizada em estúdio e sem autoria do fotógrafo. Nenhuma das imagens veio acompanhada dos nomes dos atletas, por isso não conseguimos rastrear o perfil social desses sujeitos. E, além disso, há uma dificuldade em definir a cor dos jogadores. Mas interpretamos que, na primeira imagem, os três primeiros jogadores (da esquerda para a direita) apresentam características caucasianas - o que era mais comum em publicidades que usavam jogadores. Já os dois últimos, talvez fossem sujeitos não brancos, de uso raro nas propagandas comerciais.

A fábrica de cigarros mencionada foi fundada em 1854, na cidade de Niterói como Fábrica São Domingos e, posteriormente, ficou conhecida como “Fábrica Leite & Alves”. O primeiro registro de propaganda comercial que encontramos dessa empresa, no jornal *Diário de Notícias*, e que não apresentava imagens, é de 1880, um ano antes da instalação da sua filial em Salvador.

À medida que os anos passaram, vimos cada vez mais a presença de publicidades dessa fábrica em jornais e revistas. Em Salvador, a intensidade de propagandas dessa empresa está associada à sua instalação na região e à necessidade de que as pessoas conhecessem os seus produtos. Mas, a partir do ano de 1900, vemos uma série de publicidades que traziam imagens de homens, mulheres, crianças, aviões e um Leão - símbolo da empresa. Em 1917, encontramos a imagem assinada pela Lindmann Bahia¹³, na revista *Renascença*, na divulgação de uma disputa corrida de “sacco” que ocorreu no Ground do Rio Vermelho e envolveu o público presente. O prêmio foram dois brindes ofertados pela empresa aos ganhadores que ficassem em primeiro e segundo lugar.

Porém, esse achado relacionado à Leite & Alves e ao futebol, na década de 1910, é um caso isolado se comparado às recorrências em 1920. Naquele período, as propagandas da empresa eram pensadas pelo sócio Octavio Mendes, que foi apelidado de “notável propagandista” pelos sócios. Essas imagens podem também estar relacionadas à criação das revistas ilustradas que publicaram sobre esportes na cidade, *Artes & Artista* (1920) e *Semana Sportiva* (1921). As propagandas do cigarro “Bom Dia” apareceram para além dessas duas revistas, na *Renascença*.

As imagens de jogadores nas publicidades foram acompanhadas por textos escolhidos estrategicamente para convencer os leitores sobre a qualidade do produto. As figuras eram utilizadas pela empresa numa lógica de disputa comercial endossada, naquele período, pela política exportadora que regia a economia da Bahia, junto ao aparecimento e consolidação das fábricas de diversos ramos, inclusive as de cigarro, que produziam e exportavam os seus produtos¹⁴. A empresa Leite & Alves era uma delas. Na pesquisa para a escrita deste artigo, diagnosticamos que, ao associar os seus produtos ao futebol, a empresa de cigarro tentava evidenciar um sentido mais saudável do seu produto; e os editores, com sua *expertise*, refinaram discursos - imagéticos e textuais - para atribuir tais conotações.

Portanto, as imagens relacionadas ao futebol e especialmente sobre os jogadores de futebol foram usadas de uma maneira diversa, ultrapassando os limites dos estádios e espaços de atuação desse esporte. Tal afirmação nos permite pensar que entre 1921 e 1924 já havia um circuito de fotógrafos, editores e até propagandistas na Bahia, responsáveis por capturar, editar e circular imagens. É o que demonstra a pesquisa de Valter de Oliveira (2017), ao analisar o circuito social da fotografia nos sertões da Bahia entre 1900 e 1950.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de consolidação da popularização do futebol em Salvador, durante a década de 1920, esteve intrinsecamente ligado ao uso estratégico das imagens dos jogadores pela imprensa soteropolitana. Ao mesmo tempo em que a paixão pelo futebol se alastrava entre os cidadãos, os “players” dos times mais exitosos, no contexto local, foram intensamente acionados pela mídia, assumindo um lugar de evidência e protagonismo nas páginas das revistas e jornais. A circulação dessas imagens contribuiu significativamente para o reconhecimento desses atletas, transformando-os em personagens conhecidos pelos consumidores dos semanários e solidificando o esporte na Cultura Visual da cidade.

É fundamental notar que os registros fotográficos dos jogadores ultrapassavam os limites estritos dos gramados. Embora houvesse uma prevalência de imagens capturadas durante a prática esportiva nos principais campos da época - como o Estádio da Graça, o Ground do Rio Vermelho e o Campo da Pólvora - que se diferenciavam em suas características urbanísticas e arquitetônicas, percebe-se que as fotografias não estavam restritas a ele.

Os jogadores eram frequentemente flagrados em diversos outros espaços e contextos, inserindo-os, assim, na paisagem e no imaginário urbano de Salvador.

Em relação à pose e à expressão, notou-se que na maioria das vezes os jogadores retratados não exibiam sorriso. Essa ausência de espontaneidade sugere uma agência consciente dos atores sociais e dos veículos de imprensa. Arrisca-se dizer que, nos posados, havia uma preparação calculada para que os atletas representassem o futebol como uma prática séria, e não como divertimento. Isso aponta para uma discussão sobre o início do processo de profissionalização do esporte e a necessidade de conferir-lhe um *status* de atividade digna e respeitável.

Sob esse viés, a inserção dessas imagens e a forma como os jogadores eram representados estavam em consonância direta com os ideais de modernidade que eram defendidos e propagandeados pelas revistas ilustradas, como a *Artes & Artistas* e a *Semana Sportiva*. Ao exibir os jogadores com seriedade e em cenários variados, a imprensa soteropolitana utilizava a figura do atleta como um símbolo visual que se alinhava ao projeto cultural e social de uma Salvador que buscava se afirmar como moderna e sintonizada com os novos tempos do século XX.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Ricardo dos Santos. *Sífilis e reforma da saúde na Bahia (1920-2945)*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2025.
- BORBA, Silza Fraga Costa. *Industrialização e exportação de fumo na Bahia: 1870-1930*. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.
- CAFÉ, Lucas Santos. *Dos simpaticíssimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- CERQUEIRA, Katy Maria de Albuquerque Fontes; SANTIAGO, Cybele Celestino. *Sobre arcos e bondes: resgatando a memória urbana de Salvador*. 2. ed. Salvador: EDUBFA, 2022.
- JUNIOR, Hilário Franco. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, v. 8, p. 97-119, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406/1274>. Acesso em: 16 jun. 2026.

MAIA, Haroldo. **Almanaque**. Salvador: Hellenicus, 1944.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/fGFrcB87WgdfKt8QDkrBvvh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2026.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/JL4F7CRWKwXXgMWvNKDfCDc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2026.

OLIVEIRA, Valter de. **“Offereço meu original como lembrança”**: circuito social da fotografia nos sertões da Bahia (1900-1950). Salvador: [s. n.], 2017.

PIRES, Aloildo Gomes. **Popó, o craque do povo**: a trajetória de Apolinário Santana. Salvador: Edição do Autor, 1999.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis; ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **De que lado você samba?** Raça, política e ciência na Bahia do pós-abolição. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.

SAMPAIO, Gabriela; LIMA, Ivana Stolzi; BALABAN, Marcelo (org.). **Marcadores da diferença**: raça e racismo na história do Brasil. Salvador: Edufba, 2019.

SANTOS, Henrique Sena dos. **“Pugnas Renhidas”**: futebol cultura e sociedade em Salvador, 1901 - 1924. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Uma Bahia ilustrada**: cultura visual, imprensa e cidade na Renascença, 1916-1931. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

SANTOS, Henrique Sena dos. “Vimos do esporte e só para ele viveremos”: notas sobre uma revista ilustrada na Salvador dos anos 1920. **Patrimônio e Memória**, v. 9, n. 1, p. 196-222, 2013. Doi: 10.5016/pem.v9i1.3597.

SANTOS, Isis Freitas dos. **“Gosta dessa baiana?”** Crioulas e outras baianas nos cartões postais de Lindemann (1880-1920). 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

OLIVEIRA, Italo Matheus Silva. Comércio, futebol e propaganda: a presença dos jogadores de futebol do Clube Bahiano de Tênis nas propagandas comerciais da Leite & Alves. **Anais do XII Encontro Estadual de História Anpuh-Bahia**. Ilhéus, 23 a 26 de julho de 2024. p. 1-16.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. **Revista de História USP**, n. 22, 1994.

TAVARES, Luis Guilherme Pontes. **Nome para compor em caixa alta:** ARTHUR AREZIO DA FONSECA.
Salvador: Egba, 2005.

NOTAS FINAIS

1. O Estádio Arthur Moraes, que leva o nome do engenheiro que o construiu, era conhecido popularmente como Campo da Graça. Na época, era o parque esportivo mais bem estruturado da cidade e contribuiu para a consolidação de uma popularização do futebol em Salvador, uma vez que foi criado para atender às partidas que aconteciam com, cada vez mais, recorrência na cidade.
2. De acordo com Hilário Franco Junior, em *A dança dos deuses* (2007), o futebol nasceu na Grã-Bretanha, em meados do século XIX, no interior da Universidade de Cambridge; e, na segunda metade do mesmo século, o esporte se tornou popular no país.
3. Talvez, isso possa ter acontecido para dar uma aparência mais europeia a esses sujeitos, tendo em vista que, neste período, valorizavam-se aspectos que remetiam às práticas europeias, principalmente de países como França e Inglaterra.
4. É possível aprofundar os conhecimentos sobre a trajetória desse importante litógrafo e editor lendo a obra de Tavares (2005).
5. Ao analisar as edições disponíveis nos Instituto Geográfico Histórico da Bahia (IGHB) e na Biblioteca Central do Estado da Bahia (BCEB), entre 1920 e 1922, os principais assuntos eram “Theatro, Humorismo e Cinematographo”. Somente em 1923 encontramos os “Sports” entre principais assuntos.
6. Os “selecionados estaduais” referem-se ao que hoje entendemos como seleções estaduais. Ou seja, eram os jogadores com melhores atuações, escolhidos para disputar partidas e campeonatos representando os seus respectivos estados.
7. Para compreender melhor como funcionavam os meios de transportes na Salvador da década de 1920, ver Cerqueira e Santiago (2022).
8. Contudo, de acordo com Henrique Sena dos Santos (2012), alguns times como o Bahiano de Tênis preferiram angariar para os seus elencos estrangeiros brancos, ao invés de homens negros da cidade, pois estes não eram aceitos no interior do clube naquele momento da história.
9. Para compreender melhor a trajetória do jogador Apolinário Santana, ver Pires (1999).
10. Para melhor compreender o conceito de Cultura Visual, ler Meneses (2003).
11. Na pesquisa para escrever este artigo, conseguimos visualizar na **Artes & Artistas** e na **Semana Sportiva** as visitas temporárias de times do Rio de Janeiro e de São Paulo a Salvador.
12. Não estamos afirmando que os jogadores de futebol que foram fotografados nos estúdios faziam parte da população mais abastada da cidade. Nesse caso, os jogadores fotografados participavam dos clubes populares que angariavam renda com associados, partidas e títulos.
13. Tipografia liderada por Lindmann, um dos fotógrafos e editores mais atuantes da época.
14. O cigarro, neste período, era um dos produtos mais exportados na Bahia, de acordo com o estudo de Silza Borba (1975).

SOBRE OS AUTORES

ITALO MATHEUS SILVA OLIVEIRA é mestrando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Também é Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia. Desenvolve pesquisa com ênfase em Cultura Visual, História da Publicidade e História Social do Esporte, investigando relações de poder em Salvador, durante a Primeira República. E-mail: italomso97@gmail.com

RICARDO DOS SANTOS BATISTA é Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. É Bolsista de Produtividade 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Estuda relações raciais na República, com ênfase em história da eugenia e da genética. E-mail: kadobatista@hotmail.com

Artigo recebido em: 16 de janeiro de 2026.

Artigo aceito em: 14 de junho de 2026.